

assistência

ENFERMEIROS TAMBÉM SE DESTACAM NA GESTÃO, NO ENSINO E NO PLANEJAMENTO DA SAÚDE

Diversificando horizontes

Elas enfrentaram barreiras, preconceitos e até a guerra por um objetivo em comum: cuidar do outro. A ítalo-inglesa Florence Nightingale e a brasileira Anna Nery são o retrato de uma profissão que atravessa dois séculos com a mesma missão: a de assistir com dedicação e carinho a quem precisa de cuidado. O Brasil conta hoje com 1,5 milhão de profissionais da Enfermagem, que atuam nas áreas assistencial e administrativa, segundo dados da Associação Brasileira

de Enfermagem (Aben-RJ). Nesse universo composto por atendentes (1,54%), auxiliares (37,6%) e técnicos de enfermagem (42,5%), ainda há carência de enfermeiros (18,36%), principalmente para atuar na área administrativa das unidades de saúde.

Se a função primeira dos enfermeiros é assistir, é preciso quem planeje essa assistência e assumam algumas funções gerenciais e de supervisão em áreas como Higiene e Limpeza, Auditoria, Hotelaria,

Foto: Maurilo Claretto



Parte da equipe da superintendência de atendimento e operações do Hospital Sírio Libanês. Ivana Siqueira (2ª à esq.) e suas enfermeiras-gerentes

“A formação e a visão do cuidado integral do enfermeiro proporcionam conhecimentos e habilidades para uma atuação profissional abrangente dentro do Sistema de Saúde”

FÁTIMA MEIRELLES, analista da Área de Ensino Técnico/INCA

trole de Infecção Hospitalar, Educação e Consultoria, entre outras. Svetlana Margaret Cvirkun e Heleno Costa Júnior são exemplos de que enfermeiros ocupam lugar de destaque, atuando além da assistência básica. Os dois fazem parte do seleto grupo de profissionais da área que se dedica à administração em saúde – pela estimativa da Aben-RJ, menos de 5% dos enfermeiros do País atuam no setor.

Svetlana, gerente técnico-administrativa do Hospital da Criança Santo Antônio (HCSA), pertencente ao Complexo Hospitalar Santa Casa, de Porto Alegre, iniciou sua trajetória profissional como técnica de enfermagem do Hospital Santa Rita, unidade da Santa Casa especializada em Oncologia. Dois anos depois, concluiu a faculdade de Enfermagem, acumulou experiências como enfermeira clínica, supervisora e chefe de enfermagem, docente no curso técnico de Enfermagem da instituição, até chegar à gerente técnico-administrativa, cargo que ocupa há 15 anos.

Outro que iniciou a carreira como técnico foi Heleno Costa Júnior, atual coordenador de Educação e diretor de Relações Institucionais do Consórcio Brasileiro de Acreditação (CBA), representante exclusivo no Brasil da Joint Commission International, maior agência acreditadora em saúde do mundo. Depois de se graduar, atuar por cerca de 10 anos como enfermeiro nas redes pública e privada e obter especialização em Administração Hospitalar e Gestão de Serviços de Saúde, Heleno resolveu trocar de vez a área assistencial pela de gestão de serviços.

Assim como Heleno, muitos profissionais da classe vêm buscando atuar na área da acreditação. A

prova está no próprio quadro de avaliadores do CBA, 60% dele constituído por enfermeiros. “O interesse dos enfermeiros está, assim como no meu caso, na clara identificação com uma tarefa real e capaz de promover a melhoria da qualidade e segurança dos serviços prestados ao paciente em uma instituição de saúde”, aponta.

VASTO CAMPO

O Hospital Sírio-Libanês (SP) é um exemplo da valorização da profissão de enfermeiro dentro do ambiente hospitalar, a começar por sua superintendente de atendimento e operações, Ivana Siqueira. Sua história profissional no Sírio-Libanês começou em 1985. Até chegar ao cargo que ocupa hoje, atuou como enfermeira da Unidade de Terapia Intensiva (UTI), coordenadora do pronto-atendimento, assistente e gerente de enfermagem.

Para Ivana, o enfermeiro é um profissional multifacetado que possui uma visão mais sistêmica da assistência, o que é positivo. Devido às noções sobre estratégias, liderança, operações e processos, várias funções administrativas importantes são desempenhadas por esses profissionais no Sírio-Libanês, incluindo o *call center* e as chefias de atendimento. Dos 390 enfermeiros que trabalham no hospital, mais de 10% estão na área administrativa, muitos ocupando funções gerenciais. “O que eles fazem é administrar as áreas: custos, despesas e recursos. Esses enfermeiros-administradores funcionam como gerentes de negócios”, revela.

APERFEIÇOAR O PRESENTE

Para encarar esses desafios, a atualização permanente é fundamental aos enfermeiros. No INCA, cabe à Coordenação de Educação (CEDC) elaborar ações que visam à qualificação de profissionais de saúde para a Rede de Atenção Oncológica, além de planejar, coordenar e supervisionar a implementação e a avaliação de programas de ensino e eventos científicos promovidos pela Instituição.

Fátima Meirelles, Vânia Teixeira e Luiza Nogueira, enfermeiras que já atuaram na área assistencial e atualmente estão na CEDC, veem o trabalho que realizam como fundamental para a melhoria do atendimento direto. “Na assistência, o foco está direcionado ao paciente, com a sua dor pelo diagnóstico de um câncer que é muito traumático. Pensamos na qualifi-



Marina Izu mostra uma bolsa com sangue coletado de cordão umbilical, que pode salvar uma vida

cação dos profissionais, que precisam estar bem preparados para que o paciente tenha um atendimento de excelência. Na CEDC, cuidamos educando”, reforça Luiza Nogueira, especialista em Enfermagem Oncológica, mestre em Enfermagem e que está há 25 anos no INCA.

Vânia Teixeira, responsável pela Área de Ensino Técnico da CEDC, adianta que o setor (em parceria com a Escola de Formação em Saúde Enfermeira Izabel dos Santos) está elaborando o plano do curso de especialização para os técnicos de Enfermagem atuantes nas unidades da Rede de Atenção Oncológica no Estado do Rio. “Temos o compromisso de promover a qualificação de equipes multiprofissionais, com perfis ajustados ao trabalho, para atuação em todos os níveis de cuidado na rede”, afirma.

A carreira da enfermeira Fátima Meirelles soma experiências em cinco áreas: cuidado/assistência, gestão, ensino, controle social e pesquisa. No INCA, onde hoje é analista na Área de Ensino Técnico, desenvolve políticas educacionais e de desenvolvimento de recursos humanos em saúde de trabalhadores de nível médio - formação e especialização -, orien-

“É bom saber que, apesar de não estar diretamente na assistência, realizo uma atividade de suma importância para as pesquisas que vão aprimorar os estudos de diversos tipos de câncer”

MARY MIRIAM, enfermeira do BNT/INCA

tada ao controle do câncer. Fátima sublinha que “a formação e a visão do cuidado integral do enfermeiro proporcionam conhecimentos e habilidades para uma atuação profissional abrangente dentro do Sistema de Saúde.”

VISLUMBRANDO O FUTURO

“Muito ainda se pode descobrir em relação à aplicabilidade da utilização das células-tronco presentes no sangue de cordão umbilical. A contribuição do meu trabalho para o futuro dessa área se dá na participação no desenvolvimento de pesquisas, na coleta do material (sangue de cordão, placenta, cordão umbilical e líquido amniótico) e no aprimoramento da técnica de coleta e desenvolvimento de materiais e métodos.” Essa é a visão da enfermeira Marina Izu, que trabalha no Banco de Sangue de Cordão Umbilical e Placentário (BSCUP), do INCA, e que tem como função selecionar e capacitar gestantes para doação de sangue do cordão umbilical, além de fazer a consulta de retorno, promover palestras para sensibilização sobre a doação e treinar enfermeiros da Rede BrasilCord – que reúne os bancos públicos de sangue de cordão umbilical e placentário do país.

Marina, que está há quase 10 anos no INCA, não vê diferença entre o trabalho assistencial direto e o que realiza no BSCUP, já que cuidar faz parte da vida do ser humano.

A mesma sensação de colaborar com o futuro tem a enfermeira Mary Miriam, que realiza as entrevistas dos pacientes para serem incluídos no Banco Nacional de Tumores e DNA (BNT) do INCA. “É bom saber que, apesar de não estar diretamente na assistência, realizo uma atividade de suma importância para as pesquisas que vão aprimorar os estudos de diversos tipos de câncer”, diz a enfermeira, que está no INCA desde 1999 e já atuou em vários setores no Hospital do Câncer II.

Enfermeira responsável pela coordenação da captação e inclusão de doadores no biobanco do INCA desde 2006, Teresa Guedes conta que o objetivo principal do BNT é a formação de uma rede nacional e latino-americana para coleta de amostras e troca de informações, de modo a reunir dados para traçar o perfil genético da população brasileira e da América Latina, possibilitando estudos voltados ao aprimoramento do tratamento de portadores de câncer. Ela afirma que a inclusão de enfermeiros nesse trabalho deu-se por conta das características prementes desse tipo de profissional: foco no capital humano, visão sistêmica, forte identidade institucional, tolerância a adversidades e experimentações, ser comunicativo e, principalmente, por “sermos os únicos a conhecer integralmente todos os processos e fluxos de trabalho de diferentes setores de uma instituição de saúde. Aspectos vitais para a operacionalização do biobanco dentro da instituição”, considera.

“Inicialmente, a proposta de trabalho envolvendo enfermeiros previa apenas a obtenção do consentimento e a entrevista para coleta de dados epidemiológicos dos doadores”, conta. Teresa, que trabalha no INCA desde 1983, diz que a atuação do enfermeiro abrange aspectos do planejamento, da coordenação e da implantação das atividades do banco dentro das unidades do INCA, além da educação de profissionais que participam desse processo, trabalho que mostra que o biobanco é um novo campo de atuação para os enfermeiros do Brasil e do mundo.

É essa capacitação constante que a enfermeira e presidente da Aben-RJ, Sônia Alves, aponta ser fundamental para o profissional da Enfermagem. Com 40 anos de carreira, boa parte deles dedicados à educação, a presidente da associação garante que os indicadores da área de trabalho ainda incluem a Enfermagem como uma profissão do futuro. “Há demanda de profissionais capacitados para as áreas de gestão em saúde e para planejar a assistência. É preciso ter enfermeiros com esse perfil da responsabilidade técnica. Por isso, é preciso estar preparado”, sentencia Sônia Alves. ■

“Há demanda de profissionais capacitados para as áreas de gestão em saúde e para planejar a assistência. Por isso, é preciso estar preparado”

SÔNIA ALVES, presidente da Aben-RJ

MUSEU DA ENFERMAGEM

Criado em maio de 2010 pelo Conselho Federal de Enfermagem, o Museu Nacional de Enfermagem Anna Nery (MuNEAN) tem como objetivo pesquisar, preservar, comunicar a história da Enfermagem e valorizar o profissional da Enfermagem nas suas diversas áreas de atuação. Para isso, está dividido em duas categorias: operacional (projetos culturais, educativos e científicos, além de pesquisas textuais e fotográficas sobre a história da Enfermagem) e institucional (exposição de peças e fotografias com personagens da Enfermagem).

Em pleno Pelourinho, em Salvador, o MuNEAN recebeu mais de 6.500 visitantes presenciais e cerca de 2 milhões de visitantes virtuais desde sua fundação, em maio do ano passado, informou Osvaldina César Soares, gerente de Museologia do local.

Visite o MuNEAN: www.munean.com



Sala de exposição do MuNEAN retratando a Enfermagem no mundo e no Brasil